PROBLEMATA
International Journal of Philosophy

Problemata - Revista Internacional de Filosofia
v. 17. n. 3 (2026), p. 234-241 ISSN 2236-8612
doi:10.7443/problemata.v17i3.81533

JEAN-FRÉDÉRIC BERNARD: FILIGRANAS DE UM CRÍTICO DA INTOLERÂNCIA

JEAN-FRÉDÉRIC BERNARD: THE INTRICATE DETAILS OF A CRITIC OF INTOLERANCE

Leandro de Araújo Sardeiro[1]

Resumo:

O artigo analisa a atuação de Jean-Frédéric Bernard na formação e difusão do pensamento crítico das Luzes, enfatizando a dimensão filosófica de sua atividade editorial. Parte-se da hipótese de que sua contribuição para a crítica da intolerância religiosa não se encontra prioritariamente em seus tratados autorais, mas nas estratégias de composição, tradução, edição e comentário de obras alheias. A análise concentra-se em dois empreendimentos editoriais: *Recueil de voyages au Nord* (1715–1738) e *Cérémonies et coutumes religieuses de tous les peuples du monde* (1728–1743). No primeiro, examina-se o princípio de utilidade das viagens como instrumento de conhecimento da diversidade dos costumes e de relativização das próprias referências culturais. No segundo, investiga-se o emprego da descrição comparativa dos ritos religiosos e de intervenções discretas no aparato crítico como recursos para problematizar as pretensões de superioridade confessional. Argumenta-se que Bernard desenvolve uma forma de intervenção filosófica indireta, na qual a seleção e a disposição dos textos, associadas a notas e comentários, orientam a leitura sem explicitar integralmente a crítica pretendida. Sua prática editorial revela, assim, a relevância das estratégias de erudição disfarçada na circulação clandestina das ideias e permite compreender o editor como agente intelectual da crítica religiosa e da cultura filosófica das Luzes.

Palavras-chave: Jean-Frédéric Bernard; filosofia clandestina; Iluminismo; tolerância religiosa; história do livro

Abstract:

This article examines Jean-Frédéric Bernard's role in the formation and dissemination of Enlightenment critical thought, emphasizing the philosophical significance of his editorial activity. It proceeds from the hypothesis that his contribution to the critique of religious intolerance lies not primarily in his own treatises, but in the strategies he employed in composing, translating, editing, and commenting on the works of others. The analysis focuses on two editorial projects: *Recueil de voyages au Nord* (1715–1738) and *Cérémonies et coutumes religieuses de tous les peuples du monde* (1728–1743). The first is examined in terms of the principle of the utility of travel as a means of understanding the diversity of customs and relativizing one's own cultural assumptions. The second is analyzed with regard to the use of comparative descriptions of religious rites and discreet interventions in the critical apparatus to question claims of confessional superiority. The article argues that Bernard developed an indirect form of philosophical intervention in which the selection and arrangement of texts, together with notes and commentaries, guided readers toward a critique that was never fully stated explicitly. His editorial practice thus reveals the importance of strategies of disguised erudition in the clandestine circulation of ideas and highlights the editor's role as an intellectual agent of religious criticism and Enlightenment philosophical culture.

Keywords: Jean-Frédéric Bernard; clandestine philosophy; Enlightenment; religious tolerance; history of the book

[1] Professor adjunto da Universidade Estadual do Piauí. Doutor em Filosofia – Unisalento, XXVI ciclo. E-mail: leosardeiro@phb.uespi.br, Lattes: http://lattes.cnpq.br/1681358357441042

Eu vou pedir licença para falar um pouco a partir de algumas questões que eu levantei na minha tese. Elas casam muito bem com bastante coisa que está que acontece por aqui agora na discussão do nosso evento. É preciso que possamos perceber a importância de falar de um autor como esse que eu vou falar agora, que é o Jean-Frédéric Bernard. Trata-se de um autor que não é muito conhecido enquanto teórico. O seu papel na construção da *República das Letras* foi diferente. Seu reconhecimento se deu de uma forma muito importante para as discussões das Luzes de modo geral. Jean-Frédéric Bernard era muito conhecido no período Moderno sim, mas como um livreiro, ou melhor, como um editor de textos.

Alguns dos principais textos "pré-enciclopédia", digamos assim, de um grupo que nós vamos chamar de "clandestinos"[2], foram editados pela sua oficina. Tratam-se de produções que circularam na Europa naquele momento para discutir questões diversas. Coloca questões ligadas a diferentes aspectos da religião e da vida comum, como a Tolerância. Bernard atua como editor, é verdade, mas enquanto editor ele faz um trabalho filosófico de um valor excepcional. Por quê? Porque ele não é um editor isento. O seu atelier é sediado na Holanda, país que tem muito mais liberdade do que a França. Aquela França da "Igualdade, Liberdade e Fraternidade" só irá existir depois da Revolução Francesa. Antes disso, a França era bastante rígida e fechada. Bernard consegue uma liberdade muito maior para produzir e publicar essas obras, porque ele está na Holanda. Diferente da França, onde você não colocava na capa o nome de quem a editou quando você publicava uma obra problemática, porque você tinha medo de ser embastilhado, Jean-Frédéric Bernard botava o nome dele em todas as capas, porque a Holanda permitia-lhe esse tipo de liberdade.

A proposta que eu quero falar para vocês talvez não esteja suficientemente clara para vocês a partir do meu título. Propus falar sobre "Jean-Frédéric Bernard: filigranas de um crítico da intolerância". Por que "filigranas"? O que seria isso? Um estudante me perguntou mais cedo sobre o que é filigrana. Ora, a filigrana se refere àquela parte da obra que está ali diante de você, faz parte do papel, mas não fica muito perceptível. É como se fosse uma marca d'água, resultante do processo de fabrição do papel. Falando mais tecnicamente, podemos dizer que o papel antigo não é igual aos papeis modernos. Ele era feito de uma maneira muito mais artesanal, utilizando grandes formas sobre as quais deitavam as fibras utilizadas para a sua confecção. Nessas formas, os donos dos moinhos de papel inseriam as suas divisas, para que fosse possível identificar a sua origem. Depois de prensadas e secas, elas deixavam marcas que conseguimos ver na contra-luz, o que permitia ao governo saber de onde estava saindo o papel daquela obra. E é essa marca que chamamos de filigrana. É uma informação que está ali, permanece ali, está presente, mas que você tem que fazer um esforço para perceber. E é exatamente este o espírito que percebo em relação ao trabalho que o Bernard faz. Ele nunca se colocou como um crítico, ou como um simples editor. Ele é um editor que se aproveita do seu papel para fazer propaganda iluminista, e assim poder fazer

[2] Ao falar de "Manuscritos filosóficos clandestinos", estamos nos referindo ao *corpus* de textos descoberto por Gustava Lanson, ao trabalhar junto aos arquivos parienses. Trata-se de textos que circularam por toda a Europa de modo manuscrito, como forma de burlar a proibição de publicação imposta na França acerca de certos temas, principalmente a política, os costumes e a religião. Sobre esses textos, pode-se buscar toda a discussão publicada pela *Lettre clandestine*, desde 1992. Além disso, pode-se ler também o texto clássico de Gustave Lanson (1912) e os seus desdobramentos apresentados por Ira Wade (1938).

algum tipo de discussão a respeito de todas essas questões da intolerância e da crítica da religião, principalmente. A ideia aqui é falar um pouco do Bernard, sobre como é que chega essa questão da discussão que ele faz enquanto editor. Na verdade, ele chega a escrever alguns tratados filosóficos. É difícil lembrar do nome de algum porque nenhum fez grande sucesso. Todos eram sempre muito criticados e mal recebidos. Eram vistos como tratados sem fundamento, e que não falavam muita coisa. Mas o Bernard editor, com as suas edições, era respeitado na Europa inteira. Seu trabalho editorial era de uma qualidade excepcional, sempre com aparatos críticos muito valiosos, grandes e extensos.

O que nos interessa é observar o que a Jean-Frédéric Bernard fazia no meio dessa aparato crítico: ele colocava eventualmente uma nota do editor; ele escolhia o texto correto, que guardasse a maior carga possível de crítica; ele conseguia fazer um movimento para mostrar, sem falar diretamente, as questões e tudo aquilo que ele queria criticar. E tudo era feito assim, de um modo muito "disfarçado". Essa é a questão responsável por chamar a nossa atenção a este editor, porque essa é a estratégia própria de uma discussão clandestina. A estratégia de uma discussão, de uma pessoa que está num contexto em que não existe liberdade de pensamento, do jeito que nós pensamos hoje. Pretendo falar um pouco sobre como é que o Bernard coloca essa questão.

Minha fala é um pouco diferente, inusitada, inusual, porque eu não estou falando de um autor, estou falando de um editor. Na verdade, estou falando de um autor, mas que ele se faz autor no momento em que ele edita as obras dos outros. Não estou falando da obra dele, escrevendo em primeira pessoa. Em primeira pessoa ele não teve respeito nenhum, ninguém gostou de nada que ele fez. Mas enquanto o editor, na hora em que ele botava uma nota de rodapé, na hora em que ele escolhia o texto correto, inseria um prefácio do tradutor (ele traduzia muitas obras) e que ele transformava as coisas, era que ele conseguia fazer tudo. Fazia as pessoas sentirem um certo incômodo com o que está sendo dito, como se notasse que tem alguma coisa errada, e que não é bem assim que nós temos que pensar sobre o assunto. É essa a questão que se coloca. Por isso,, eu vou tentar falar do Jean-Frédéric Bernard sem me prender a uma parte principal da obra dele. Ele publica várias obras importantes. A minha tese de doutorado, na qual surge esse estudo, fala sobre uma coletânea de textos clandestinos editada por Bernard. Mas o principal é perceber que a proposta de Jean-Frédéric Bernard enquanto editor é voltada para uma atuação política mesmo, política e filosófica da maneira mais incisiva possível, mesmo sem escrever um grande tratado. E essa é a genialidade do Bernard, porque ele consegue fazer uma crítica filosófica a toda essa questão religiosa que se impõe naquele momento, sem falar em nenhum momento "assim não serve". Ele se restringe a mostrar as coisas e os fatos, deixando a as análises para cada leitor. A carreira de grandes obras de Jean-Frédéric Bernard é a de um grande publicador de obras importantes de outras pessoas. Sobretudo, ele é um grande editor de coletâneas, porque ele entende as entende como uma estratégia de difusão de ideias absurdamente boa. Ao colocar um texto ingênuo lado a lado com um texto extremamente virulento, o resultado é muito mais forte. O texto ingênuo reforça o virulento, pelo fato de exemplificar (de uma forma negativa) justamente o que se está criticando.

Uma grande coletânea que ele publica no começo da sua carreira chama-se *Recueil de voyages au Nord* – Coletânea de viagens ao Norte. Do que se trata isso? É uma coletânea de um tipo de texto muito comum no momento da no início da modernidade, que são relatos de viagem. Nós já estamos acostumado a pensar o

mundo do jeito que o conhecemos hoje, já globalizado e tudo muito grande, mas se você lembra disso no século XVI ou XVII, o mundo tava acabando de crescer. Basta pensar que em 1500 o Brasil foi descoberto, e até aí nós tínhamos um mundo muito mais reduzido. Então se começa a expansão marítima e as navegações não eram tão de tão fáceis de serem executadas. Assim começa a surgir um gênero literário muito forte, que são os relatos de viagem. Os viajantes saem pelo mundo afora e escrevem sobre isso. Falam sobre o que foi que eles encontraram naqueles lugares, descrevendo as condições geográficas, escrevendo sobre os povos e costumes encontrados etc. E essa comparação com o novo enseja crítica.

Começa a surgir uma questão importante. Por que o Jean-Frédéric Bernard tem tanta preocupação em fazer relato de viagem? Como ele mesmo afirma, o relato de viagem mais ou menos é aquele momento em que conseguimos perceber que a nossa realidade não é a única. Conseguimos perceber a figura, por exemplo, que o Bayle desceve do "ateu virtuoso". Você pode ler sobre alguém que chega num contexto em que nunca existiu o cristianismo e ainda assim encontrar pessoas virtuosas. Bernard começa a explorar muito bem esses contrastes, e edita essa "Coletânea de viagens ao Norte", em uma série de 10 volumes. Vários relatos de viagem são publicados, de diferentes viajantes, que têm formas diferentes de contar a de narrar o que encontraram. Bernard vai estabelecer como princípio central da discussão desse empreendimento editorial uma espécie de "princípio de utilidade". Essa é uma palavra-chave pro Bernard, que iremos perceber muito forte nas obras dele. Ele irá pensar sempre que deve publicar coisas que sejam úteis, para que as pessoas possam aprender com aquilo ali. Ele defende inclusive que é nós podemos aprender lendo um livro ou viajando. E como nem todo mundo pode viajar, essa é uma coleção que permitiria que nós viajássemos sem sair de casa. Isso permite ao leitor aprender sobre as diferenças dos países, e aprender tudo aquilo que nós não conseguimos ir lá ver. Assim, observando o seu primeiro grande empreendimento editorial, podemos começar a perceber o trabalho do Bernard como editor. Isso fica mais claro ao percebermos as modificações que surgem nas sucessivas edições desse texto.

Surgem pelo menos três ou quatro edições da Coletânea de viages ao Norte. Na primeira edição, podíamos ler um texto que se chamava "Relato sobre o reino da Coreia". Na segunda edição desse texto, Bernard insere um prefácio do tradudor. Trata-se de um texto originalmente em holandês, que o nosso editor traduz e prefacia, dizendo um pouco o que ele achava do texto e como ele era importante. Na segunda edição, por algum motivo que eu não consegui documentar, Bernard resolve tirar esse texto sobre o reino da Coreia. O que ele faz então? Pega o seu "prefácio do tradutor" e o transforma numa "Dissertação sobre a forma de se viajar utilmente". Ele o transforma num texto autônomo em si mesmo. Era só um prefácio. Era inclusive um prefácio longo, de 10 ou 15 páginas, mas não chegava a ser algo autônomo. Ainda assim, quando Bernard percebe que não tem mais o texto que traduzido, e que não faz o menor sentido inserir um "Prefácio do tradutor", Bernard procura uma solução. A sua discussão ainda era relevante, ainda era pertinente, ainda era válida e necessária de ser feita. Dessa forma, ele a transforma num texto autônomo e na edição subsequente constrói um texto novo, juntando essa sua proposta com uma primeira dissertação. Ele então transforma prefácio inicial e nos apresenta duas "Dissertações sobre o modo de viajar utilmente". Na primeira dissertação ele faz uma coisa mais técnica. O seu título era "Dissertação contendo instruções para viajar utilmente, tiradas dos escritos do Cavaleiro Boyle, das *Transactions Philosophiques* da Sociedade Real da Inglaterra, e de alguns outros

bons autores". Ela fala sobre a utilidade das viagens, sobre os parâmetros físico-químicos que se deve observar para a escrita de um bom relato de viagem e o modo que se relacionam com os costumes, os ritos, as lendas e a religião do país. Isso é a primeira dissertação. A segunda dissertação vai ser constituída por aquele que era o prefácio do tradutor de uma outra questão, que não tinha nada a ver com essa, agora entendida como um texto autônomo.

Bernard nos afirma que a utilidade de uma viagem deve ser considerada em relação a três pontos importantes: a história dos homens, a história natural e, enfim, a descrição dos lugares, dos objetos que são encontrados ali. Ele vai afirmar que os primeiros são mais técnicos, e são discutidos na primeira dissertação. A segunda e última dissertação é justamente quando ele vai tentar ir mais a fundo. Ele vai, e esse é o tipo de coisa que nós começamos a perceber sobre o Bernard na hora que ele edita os textos, ele vai construindo uma teleologia filosófica. E essa é a coisa interessante: em um momento que você não tem muita liberdade para expor livremente o que você quer e pensa, Bernard encontra uma ferramenta para poder fazer essa discussão. Encontra uma ferramenta para poder criticar e conseguir levar adiante uma crítica – velada talvez, mas que seja feita. Basicamente nós conseguimos perceber que Bernard vai seguir nessa direção um pouco. Ele vai mostrar várias coisas de forma muito direta nessa discussão dos relatos de viagem. Por exemplo, em uma dessas relações de viagem, depois de analisar um relato de viagem do padre Feuillée, Bernard começa a observar como os viajantes missionários tomam qualquer ocasião para exaltar a religião cristã. Cita a ocasião na qual encontraram ao chão uma pedra com o formato de uma cruz e afirmaram que isso seria Deus, querendo mostrar para nós a importância do seu domínio e do Império de Jesus Cristo sobre a Terra. A discussão de Bernard é bastante direta. Ela trabalha para reduzir ao absurdo a proposta citada: ora, era somente uma pedra. Há coisas muito mais relevantes para falarmos. O seu texto começa a tentar mostrar um pouco essa questão.

Isso tudo é visto no texto que nós percebemos no início da carreira dele. Mas temos textos que são muito mais diretos à questão religiosa, e que mostram uma característica forte do Bernard, por terem uma preocupação muito grande de crítica religiosa. É o momento das intolerâncias todas que o Flávio apresenta no seu trabalho[3]. É o momento que está acontecendo aquilo que fala Agostinho, sobre "obriga-os a entrar". Isso acontecia muito na modernidade. Fala-se muito de Idade Média, que ela queimava pessoas na fogueira, mas a Idade Moderna queimou muitos também. Lembrando, por exemplo, o que aconteceu com Galileu. Ele foi obrigado a dizer algo como "Não, é mentira o que eu falei, tava brincando", porque do contrário ele ia ser queimado na fogueira. E estávamos em 1632! Se nós pegarmos o marco histórico da Idade Média, ela já tinha acabado há quase 200 anos. E ainda assim, foi isso que aconteceu. Por isso mesmo, era necessário reforçar um pouco de crítica a esse poderio desenfreado da igreja, coisa que o Bernard faz isso muito bem.

Aquele texto das *Coletâneas de viagens ao Norte*, cuja primeira edição Jean-Frédéric Bernard começa a escrever em 1718, tem a publicação das suas últimas edições iniciada em 1731. Nesse período de mais de dez anos entre as duas fases da produção, Bernard vai modificando os textos, colocando cada vez mais notas, modificando coisas de lugar para elas fazerem mais sentido. No entanto, é

[3] *Cf.* neste mesmo volume: Flávio Fontenele Loque. *Cristianismo em disputa: estratégias tolerantistas de Bayle, Locke e Voltaire.*

preciso lembrar que esse era apenas o primeiro texto que teve uma boa aceitação. Houve outros, e um deles que fica muito famoso, mas de um modo diferente, é aquele intitulado *Cérémonies et coutumes religieuses de tous les peuples du monde*. Observe-se bem o título do texto: *Cerimônias e costumes religiosos de todos os povos do mundo*. Não é um grande tratado sobre o tema. É mais uma coletânea de vários volumes, com vários textos que falam sobre religião, simplesmente descrevendo e mostrando como é que funciona cada religião. Com esse trabalho, Bernard nos mostra como ele usa uma estratégia muito utilizada pelos texos clandestinos daquele momento, da erudição disfarçada, da crítica disfarçada de erudição. De que forma? Apenas nos dando a entender as coisas. É como se ele dissesse: "Eu não estou falando nada, estou só mostrando que as pessoas estão falando sobre esse assunto". E dessa maneira, ele relaciona textos de uma maneira tal que um amplifica a potência crítica do outro. Assim, ele mesmo não afirma nada. É como se ele dissesse: "leia e tire suas próprias conclusões". Bernard não se compromete pessoalmente com nada, ele só reúne os textos e fala assim: "Pronto, vocês vão ler, vocês mesmos vão comparar, não vou falar quase nada". A sua interferência se resume a apontar coisas específicas. Com as suas notas, seu aparato crítico e seus pequenos comentários, ele vai direcionando um pouco a leitura, é o seu único trabalho. E dessa forma, Bernard consegue se mostrar uma pessoa extremamente importante paraa discussão religiosa daquele momento. E nessa coletânea, das *Cerimônias e costumes religiosos de todos os povos do mundo*, um dos textos que ele vai redigir e inserir, quase como um prefácio, é extremamente poderoso nesse tipo de crítica. O nome do texto é *Dissertação preliminar sobre o culto religioso*

Por que esse texto é tão poderoso e importante? Por causa do modo como ele vai tratar as questões. De forma muito simples, Jean-Frédéric Bernard vai simplesmente nos mostrar como é que as pessoas cultuam as coisas, como é que cultuam seus próprios deuses. Ele vai um pouco falar sobre isso. É um texto de pura descrição do culto religioso, mas de um modo muito direto, falando especificamente do jeito que acontece cada rito. E ele vai colocando pequenas observações em nota de rodapé, evidenciando cada momento em que o culto vai tomando uma forma que se afasta cada vez mais da divindade. A discussão buscar problematizar sobre qual é o grande problema da religião atual, mas colocando isso de modo bem disfarçado nas notas. A sua tese principal dá a entender que o grande problema da religião do seu tempo é que, a cada vez que se constitui um novo culto religioso, a gente se afasta do que de fato significa religião. A gente se afasta do cristianismo puro, e começa a trabalhar em prol de vaidades sem sentido. Bernard vai explicar tudo isso nesse prefácio, que é a *Dissertação preliminar sobre o culto religioso.* Ele é o texto que abre o volume. Nessa *Dissertação,* Bernard vai falar das práticas extraordinárias que os homens usam para servir a Deus etc., e nós somos obrigados a concordar como ele que, excetuados os caracteres da religião e da revelação, as práticas são muito semelhantes. Bernard tenta colocar aqui nessa *Dissertação* a ideia de que, se eu for tirar a questão do credo de cada um e descrever as práticas da forma como acontecem, é tudo igual. É como se Bernard estivesse escrevendo hoje e observasse como algumas igrejas neopentecostais assumem um dia para um "culto do descarrego", mas que algumas religiões de matrizes africanas também trabalhassem com o mesmo objetivo. A intenção é mostrar que, se eu tirar o aspecto confessional, a prática enquanto prática é idêntica em ambos os contextos. Bernard vai nos mostrar então, e nesse texto isso é o seu objetivo principal, os ritos e práticas do jeito que elas acontecem. A ideia é causar um estranhamento, levando-nos a questionar a razão de práticas que

acontecem aqui e ali de forma igual, mas são tão diferentes.

É dessa maneira que Bernard vai dirigindo o discurso. Essas são algumas questões que ele coloca, e vou tentar mostrar alguns exemplos. O princípio básico que ele vai estabelecer como algo que vai direcionar a sua leitura sobre a religião passa pela seguinte ideia: as religiões, enquanto realizações humanas, são idênticas. Elas são iguais, fazem as mesmas coisas e seguem os mesmos ritos, só que em umas isso tem um peso X, em outras tem um peso Y. Essa está certa, aquela está errada. Pode-se falar assim, mas se eu tirar todo o aspecto confessional, está se fazendo a mesma coisa. E esse que é o problema. Ao falar assim, o que nessa vale e naquela não vale, Bernard coloca as questões de uma maneira bastante indireta. Um bom exemplo é o da água lustral. Ele nos mostra como a religião cristã vai substituir a água lustral pela água benta. Se na religião cristã a gente usa a água benta para dizer que é uma coisa que representa o sagrado, o que dizer dos indianos? Nesses estágios da sua discussão, ele começa a descrever como o cristão usa a água benta, mas mostra também como algumas outras religiões usam outros tipos de líquidos com o mesmo propósito. Nesse momento, fala sobre a água lustral dos indianos. Segundo Bernard, da mesma forma que os cristãos têm a água benta, os indianos têm a água lustral. Como isso é utilizado: eles jogam pelo chão, exatamente em todas as manhãs diante das suas casas, urina de vaca. Isso é feito para purificar a terra. E o que eles pretendem assim, na hora que estão jogando aquele urina de vaca na calçada? Qual é o sentido daquilo? Purificar a casa. Por quê? Porque para o indiano, a vaca é um animal sagrado. A vaca tem um um outro tipo de significado. Em vez de falar em água benta, eles falam em urina de vaca. É um líquido que tem a função de nos purificar. Percaba-se que Bernard não fala nada diretamente. Ele mostra que, da mesma forma que se usa a água benta aqui, ali se usa a água lustral. E o que é água lustral? É um outro modo de cumprir os mesmos ritos religiosos. Mais do que uma função litúrgica, tais ritos desempenham uma função de justificativa psicológica. O que vai justificar a religião para cada pessoa é o intento psicológico que aquilo traz para ela. É o modo como ela se sente bem naquele contexto ou ela não se sente bem, aquilo que ela faz acontecer ou não faz acontecer. É isso que vai justificar a sua crença. Bernard mostra vários exemplos das coisas que acontecem sobre isso.

O seu trabalho enquanto editor começa a se delinear quando vemos o modo como Bernard faz esse tipo de discussão. Essa questão da água lustral, por exemplo, é colocada somente como uma nota de rodapé. Não era nem mesmo uma parte do parágrafo do texto. Ele descrevia a questão dos indianos, mostrando assim como uma pessoa que está somente descrevendo o culto religioso, falando um pouco sobre como é que era a questão em outros contextos. Nisso, ele aproveita e descreve, mostrando como os indianos usam uma coisa semelhante para esse rito, a água lustral. E basta isso. E o que é água lustral? Então, a proposta para a gente compreender, é tentar perceber como o Bernard tem um papel fundamental enquanto editor para a construção da crítica religiosa e para a construção das bases de toda a Revolução Francesa, e depois de todo o Iluminismo de um modo geral. Quando nós pensamos em Iluminismo, lembramos dos textos principais de sempre: a *Enciclopédia*, o *Contrato Social* do Rousseau, mas existiram vários outros textos muito importantes, muito menores, e que serviram de base para a existência dos maiores. Jean-Frédéric Bernard é um dos responsáveis por trazer à luz para nós esses textos menores, e trazer de maneira comentada, para que nós possamos fazer os nossos próprios juízos de valor.

O principal objetivo deste texto, desta discussão, era mostrar um pouco,

uma forma um pouco diferente de se discutir a questão filosófica. Trata-se de parte de um trabalho que eu fiz na minha tese de doutorado. Bernard era filósofo sim, mas não tanto enquanto autor. Ele era um autor editor, ou melhor, ele era autor enquanto ele era editor. Enquanto editor ele tinha um aspecto, ele tinha um uma força muito maior do que enquanto autor. Ele conseguia nos detalhar de forma aprofundada os aspectos puramente humanos das práticas religiosas, e isso nos levava a comprender as coisas de modo crítico. Ao lembrar que as *Cerimônias e costumes religiões de todos os povos do mundo* eram feitas em conjunto com um famoso gravurista, Bernard Picard, percebe-se que a intenção de Jean-Fréderic Bernard ficava perfeita. Bernard Picard desenhava e descrevia as imagens das práticas com riqueza de detalhes. Jean-Fréderic Bernard as descrevia com palavras, chamando atenção para as similaridades entre as diferentes religiões. J.-F. Bernard fazia uma descrição verbal, Bernard Picard fazia uma figura. Isso fazia com que as edições fossem sempre muito desejadas, além de explicitar em detalhes tudo aquilo que se pretendia. As figuras em si mesmo tinham uma função, mas essa é uma discussão para outro texto.

Referências

BERNARD, Jean-Frédéric (ed.). *Recueil de voyages au Nord:* contenant divers mémoires très utiles au Commerce et à la Navigation. Amsterdam, 1715-1738. 10 v.

BERNARD, Jean-Frédéric (ed.). *Cérémonies et coutumes religieuses de tous les peuples du monde.* Amsterdam, 1728-1743. 7 v.

LA LETTRE Clandestine. Paris: PUPS. 1992-

LANSON, Gustave. Questions diverses sur l'histoire de l'esprit philosophique en France avant 1750*. Revue d'Histoire Littéraire de la France.* v. 19, p.1-29, 293-317, 1912. Tradução brasileira: Questões diversas sobre o espírito filosófico na França antes de 1750. *Problemata*: Revista Internacional de Filosofia*.* v. 4, n. 3, p. 382-441, 2013. DOI: 10.7443/problemata.v4i3.16957. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/18464. Acesso em: 10 set. 2026.

WADE, Ira Owen. *The clandestine organization and diffusion of philosophic ideas in France from 1700 to 1750*. New York: Octagon Books, 1967. Reimpressão da primeira edição de 1938.

Recebido em: 10/2026
Aprovado em: 10/2026